

# A Beira já foi parasita

Jorge Costa

N. 10/10/84

A Beira tem sido conhecida como cidade parasita, totalmente dependente da produção que lhe chega de Manica. A última vez que a visitara — há cerca de dois anos — esse parasitismo antigo manifestava os seus piores efeitos, já que, pela acção dos bandidos armados, não eram muitos os produtos que conseguiam chegar à capital de Sofala.

As impressões que então trouxe da Beira não poderiam ter sido piores. Cidade suja, desorganizada, as pessoas apáticas, foi a lembrança que trouxe.

Voltei agora à Beira, e encontrei uma outra cidade. Chego ao aeroporto e informei o colega que me recebeu que trago comigo uma lanterna. «Para quê?» — perguntou ele. Lembrei-lhe os continuos cortes de energia a que a Beira estava submetida.

— Ah, isso... Não, meu caro, de Janeiro para cá, nunca mais faltou a luz nem a água — garantiu-me, com a tranquilidade própria de quem se não lembra já daqueles tempos difíceis.

— E para comer? — arrisco — ainda se consegue algum sítio? — Pergunta que tem como resposta um sorriso e a afirmação definitiva: Meu caro, isto é a Beira.

Momentos mais tarde, instalado no Hotel Embaixador, faço honras a uma refeição variada que me obriga a felicitar o pessoal, na pessoa do chefe de sala.

Do aeroporto à cidade, já muito me surpreendera. A Beira, já não parece a Beira. Jardins bem tratados foram criados em diversos locais. Há avenidas inteiras, agora floridas, outras onde começam a brotar novas plantas. As ruas estão limpas, apesar das casas, que não conhecem gota de tinta há muitos anos, se apresentem com aspecto degradado.

Um dos pontos que mais chama a atenção naquela cidade, é a actividade que se nota. As lojas não apresentam aquele aspecto vazio, que nos habituámos já a ver noutras cidades. Não é que haja tudo à venda, mas

todo o comerciante consegue arranjar alguma coisa e isso implica em que se entra num estabelecimento e se pode realmente comprar.

Pergunto: A que se deve esta transformação? Quardros do aparelho de Estado respondem-me: É resultado do trabalho do nosso Dirigente. E na rua, quando perguntei a mesma coisa a vários cidadãos, dizem: Foi o Marcelino.

E depois querem-me mostrar mais, andam comigo de um lado para outro. Passo pelas ruas e vejo carpintarias particulares em plena actividade. Cá fora mobílias novas estão à venda a preços — pude confirmar — acessíveis a qualquer bolsa. Com orgulho indicam-me que a madeira agora já vem de Manica, de Inhalinga.

Um velho amigo convida-me para almoçar. Outro conhecimento recente oferece-me o jantar. Em todos os sítios onde estive não há falta de comida, o cliente pode-se decidir por vários pratos. Estranhamente, no entanto, a maior parte das mesas está vazia. Explicam-me que isso se deve a dois factores: primeiro, as pessoas já não têm necessidade de ir a um restaurante. Depois, raramente há cerveja. Mas quando esta vem, a indústria hoteleira volta a encher-se já que arranjar cerveja para casa é obra difícil.

No bazar há hortícolas a fartura. Uma pequena bicha vê-se numa banca: para comprar tomate, colhido já fora de época. No cais compra-se peixe e camarão, directamente ao pescador. Carne, essa sim é difícil de arranjar. Mas não faltam ovos e quando se não arranja galinha sempre se consegue um pato ou coelho.

Mostram-me aqui e ali, machambas onde se cultiva muita da comida que alimenta a grande cidade.

Conheço, numa dessas deslocacões uma pessoa interessante. É pelo menos a primeira vez que encontro um machambeiro... formado em Ciências Filosóficas. Mas isso é já outra história que contarei depois.